

DA BARRANCA DO RIO PARANÁ AO REASSENTAMENTO PORTO JOÃO ANDRÉ NO MUNICÍPIO DE BRASILÂNDIA (MS): AS PERSPECTIVAS DESTAS FAMÍLIAS RIBEIRINHAS (PESCADORES E OLEIROS), EM MEIO A MUDANÇAS, AFASTAMENTO E ESTRANHAMENTO CULTURAL (1988/2012)¹.

MIRANDA, Adriana Gomes²

Resumo

Pretende-se neste artigo, apresentar um estudo referente às famílias ribeirinhas reassentadas no Reassentamento Porto João André no município de Brasilândia/MS. Busca-se indagar sobre os conflitos possíveis e dificuldades vivenciadas no cotidiano dessas famílias entre os anos de 1988-2012, a partir do processo de mudança, incitado pela construção da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta, popularmente conhecida como Porto Primavera. Essa comunidade antes da ação de deslocamento e/ou possível desenraizamento cultural vivia às margens do Rio Paraná e Rio Verde entre os municípios de Panorama/SP e Brasilândia/MS. O objetivo geral deste trabalho encontra-se em questionar e problematizar: se o afastamento do Rio pôde interferir ou provocar mudanças e/ou diferenças na história desses ribeirinhos, no âmbito cultural, econômico, social? Em meio a essa transição social, econômica e cultural, o que seria mutável e o que poderia permanecer de suas culturas e tradições? Quais seriam os danos ou agravos na história desses ribeirinhos atingidos por essa empresa energética nos dias atuais?

Palavras chaves: conflitos, desenraizamento, importunos, reassentamento, ribeirinhos.

INTRODUÇÃO

A partir do ano 1988, com o início da construção da Usina Hidrelétrica (UHE), Engenheiro Sergio Motta (popular Porto Primavera), muitas famílias que viviam em algumas cidades às margens do Rio Paraná na divisa com Mato Grosso do Sul, foram impactadas pelo alagamento resultante da construção desta hidrelétrica. Sem opção, comunidades inteiras que exerciam diversas atividades de sustento (pescadores, oleiros, pequenos criadores de gado, cultivadores de pequena agricultura, barqueiros, isqueiros, entre outras), que dependiam basicamente do Rio, foram retiradas de suas margens e relocadas em assentamentos construídos pela Companhia Energética de São Paulo (CESP).

¹ Artigo elaborado sob a orientação da Professora Doutora Maria Celma Borges, como trabalho de exigência para conclusão do curso de História/licenciatura, prevista para o ano de 2013, na universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus II de Três Lagoas.

² Acadêmica do oitavo semestre do curso de História, pela Universidade federal de Mato Grosso do sul, Campus II de Três Lagoas.

Conforme se pode observar nos arquivos desta empresa, Companhia Energética de São Paulo (CESP), esta possui uma história inovadora no setor elétrico, junto ao setor de engenharia. Sendo assim, iniciativas pioneiras em todas as áreas marcaram sua trajetória no domínio da tecnologia. Tendo surgido em 1966, a partir da fusão de cinco companhias de usinas hidrelétricas estaduais e seis empreendedoras hidrelétricas privadas (controladas pelo Estado), permanecendo por mais de três décadas como a maior geradora de energia elétrica do Brasil. A história desta companhia (CESP) remonta aos primórdios da iluminação pública em Rio Claro (SP)³

O desenvolvimento destes setores econômicos e industriais, por um lado supre o abastecimento e desenvolvimento das grandes indústrias que estariam em um constante processo de modernização.

Por outro lado, retira da vida de tantas pessoas, comuns/ anônimas, o direito de permanência e de dar continuidade em suas histórias de vida às margens daquele que sempre foi seu meio de sustento.

(...) “Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco de embate entre as tendências conservatórias e as inovadoras”. (LARAIA, 2008 p 99). Propostas ambiciosas e inovadoras, apresentadas por diversas empresas como por esta hidrelétrica, apresentada neste trabalho, tendem a desconsiderar os projetos básicos de vida dos ribeirinhos existentes em torno dos rios.

Como se pode ver no texto apresentado por Raquel dos Santos Lopes “Os Ribeirinhos de Ilha Comprida: a luta pela conquista da terra” (2012), as usinas hidrelétricas estão avançando cada vez mais de acordo com os interesses econômicos industriais do Brasil.

Se, por um lado, as hidrelétricas devem suprir as necessidades do progresso industrial, por outro, não se coloca em “pauta” que este setor de desenvolvimento econômico possa estar causando mudanças bruscas e involuntárias, devendo ocasionar diversas e até mesmo graves sequelas no modo de vida dos ribeirinhos que têm o rio como sua única opção básica de trabalho e de vida.

³http://www.cesp.com.br/portalCesp/portal.nsf/V03.02/Empresa_Abertura?OpenDocument&Menu=5%20-%20menu_lateral@@002#.

Essas mudanças impostas desenvolveram alterações no modo de vida desses ribeirinhos. Foram necessárias novas técnicas de adaptação em seus costumes e tradições. Vimos em Lévi-Strauss (1976), que essas alterações são constantes nos homens e independem do domínio destes e que seriam úteis para diferenciar as especificidades existentes em cada grupo social. Haja vista que essas famílias ribeirinhas embora compartilhassem de uma mesma cultura, se contrapunham em suas diferenças ou resistências particulares. Como assinala este autor:

(...) “Porque aquilo que é constante em todos os homens escapa necessariamente ao domínio dos costumes, das técnicas e das instituições pelas quais seus grupos se diferem e se opõem” ... Estabeleçamos, pois que tudo quanto é universal no homem depende da ordem da natureza e se caracteriza pela espontaneidade, e que tudo quanto está ligado a uma norma pertence à cultura e apresenta os atributos do relativo e do particular. (LÉVI-STRAUSS, 1976 p. 47).

Deste modo, os projetos hidrelétricos ao não levarem em conta as particularidades existentes no modo de vida dessas famílias, em vista dos bens industriais, vão decompondo os aspectos econômicos, cultural e social dessas famílias existentes às margens, como pontua Lopes:

Nesse aspecto podemos analisar que os programas de desenvolvimento das hidrelétricas que visam à necessidade de aumentar a produção elétrica, devido o aumento de industrialização no Brasil, não levam em conta o modo de vida e de trabalho das famílias ribeirinhas que moram nas margens dos lagos onde as hidrelétricas são construídas, expulsando-as de seu pedaço de chão. Assim, as hidrelétricas causam grandes impactos ambientais e sociais à população ribeirinha, desalojando as famílias de seu lugar de produção de renda e de sobrevivência. (LOPES, 2012 p 193).

Este trabalho tem por objeto de pesquisa a compreensão da história dos ribeirinhos que viviam entre os municípios de Brasilândia (MS) e Panorama (SP). Nesse contexto de mudança, do afastamento do Rio, essa comunidade foi impulsionada involuntariamente a algumas mudanças em seu modo de vida cotidiano. Busca-se questionar se esse processo, e/ou transição de “desenraizamento” e distanciamento do Rio trouxe conflitos ou infortúnios que puderam interferir em seus modos de vida, com ênfase para os aspectos econômico, social e cultural.

Por meio de entrevistas e fontes teóricas, pretende-se discutir as principais consequências ocasionadas por esses conflitos e mudanças, entre estranhamentos e adaptações culturais, econômicas e sociais, considerando, sobretudo, como era o modo

de vida dessas famílias antes do possível “desenraizamento” do meio natural em que viviam, até o tempo presente no Reassentamento Porto João André⁴.

Indagando questões, como possíveis distinções de práticas culturais sejam no modo de trabalho, ou em suas crenças, seus rituais, lazer e tradições, a pesquisa discute particularmente, os possíveis danos e/ou perdas entre os conflitos assistidos pelas adaptações e adequações, e sequelas que podem estar acarretando no modo de vida neste “novo” lugar.

Conforme Laplantine (1988), desde a antiguidade já havia certa preocupação em refletir, analisar e produzir trabalhos teóricos que fundamentassem os comportamentos do homem em seu lugar social. Isso já ocorria na Ásia, na África, na América, na Oceania e Europa. Ao que pontua este autor, foi a partir do século XVIII, que se iniciaram mudanças significativas nos objetivos relacionados à elaboração de um saber científico quanto aos comportamentos do homem no meio em que vive.

Afirma ainda este autor, que as reflexões até então descritas sobre os comportamentos sociais do homem, sempre estiveram fundamentadas sob concepções de ordem e origens teológicas, que atribuíam ao sagrado e a natureza todas as perspectivas e atividades humanas.

No entanto, é no século XVIII, com o surgimento da Escola dos Annales, fundada na França em 1929, por Marc Bloch e Febvre, que surge então um novo olhar que veio transformar definitivamente as pesquisas históricas tradicionais até então predominantes. A escola dos Annales questionava criticamente os modelos de história existente, transformando as perspectivas nas construções desses modelos de narrativa histórica tradicional. Esta escola estabeleceu em especial a crítica e a investigação das fontes na construção historiográfica.

Desde então, a história pode ser problematizada, não se restringindo mais aos grandes acontecimentos históricos ou tão somente aos “grandes personagens”,

⁴ Local, dentro dos limites do município de Brasilândia, em que a Companhia Energética de São Paulo (CESP), comprou e construíram 144 casas e 36 olarias, um posto de saúde e um policial, uma creche, entre outros prédios, para reassentar os ribeirinhos (oleiros, pescadores e comerciantes), que viviam às margens do Rio Paraná, entre as cidades de Panorama (SP) e Brasilândia (MS), pertencentes ao município de Brasilândia-MS, vítimas do alagamento provocado da construção Usina hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta (Porto Primavera). (Informações obtidas por meio de entrevistas informais)

abrangendo-se aos mais variados campos para compor uma narrativa histórica, como se pode ver nesta interpretação de Laplantine (1988):

Mas é, sobretudo na história, a meu ver, que assistimos a um deslocamento radical do campo da curiosidade. Trata-se de ir do público para o privado, do Estado para o parentesco, dos “grandes homens” para os autores anônimos e dos grandes eventos para a vida cotidiana. (LAPLANTINE 1988, p.155)

Sob a influência da escola dos Annales abriu-se um leque de possibilidades, podendo expor os pensamentos e as sensibilidades daqueles que estiveram no lado “oculto” da história.

Neste sentido, a narrativa historiográfica contemporânea possibilitou a reflexão do cotidiano de pessoas simples, e/ou anônimas, como os reassentados em destaque neste trabalho. “O movimento da história “vista de baixo” também reflete uma nova determinação para considerar mais sinceramente a opinião das pessoas comuns sobre seu próprio passado do que costumava fazer os historiadores profissionais” (BURKE 1992 p 16).

Foi a partir desta perspectiva que se pôde refletir em compor esta narrativa que nos possibilita dar ênfase, em parte da trajetória, da vida destes moradores do Reassentamento Porto João André. Deste modo, podemos indagar: como era o modo de vida destas famílias no contexto das margens do Rio, antes da transição para o reassentamento? Quais teriam sido os principais conflitos e problemas vivenciados por estes reassentados, a partir do alagamento? Como as perdas ou danos, sofridos por essas famílias, nesse processo de desenraizamento de “suas origens” poderiam refletir no modo de vida no tempo presente? Quais seriam as possíveis dificuldades pertinentes no tempo presente?

O PROCESSO DE MUDANÇA

Para conhecer um pouco da trajetória dessas famílias reassentadas no reassentamento Porto João André se fez necessário utilizarmos de entrevistas com alguns moradores mais antigos do reassentamento. Após ouvirmos suas falas se pôde descrever um pouco dos principais movimentos de suas existências enquanto ribeirinhos frente ao rio, como também as dificuldades enfrentadas, sobretudo após o distanciamento do rio, como relata Beatriz de Castro:

(...) Amparada nessas condutas e preocupações é que meus questionamentos dessas atitudes que vou obtendo inúmeras respostas impregnadas das relações sociais vividas pelos sujeitos envolvidos em

minha pesquisa. Certamente todo risco que corro na apreensão e na interpretação de minhas fontes se torna o alicerce de minha trajetória como pesquisadora do presente numa relação dinâmica com o passado comprometida em produzir histórias. (ARAÚJO 2009, p 109-110).

Visto que o trabalho de pesquisa é produzido não apenas por meio das fontes oficiais (outra contribuição das escolas dos Annales), a pesquisa também utiliza de documentos não oficiais como o uso de história oral, como assinala Borges no que se refere à importância da utilização de história oral na pesquisa:

Assim, ao ter como objeto o trabalho com as fontes orais, visamos a produção de fontes primárias que, contribuindo para a compreensão do objeto específico possibilitem ainda a elaboração de novas pesquisas que possam levar ao desnudamento do complexo de relações sociais que envolvem o fazer-se da história por outro olhar, o das pessoas comuns. (BORGES, 2006, p 136).

Deste modo, se pôde compreender parte dos estranhamentos ou conflitos pertinentes entre adaptações e/ou adequações, experimentados no modo de vida do tempo presente. Dificuldades ocasionadas principalmente pela inexistência do barro para manter as cerâmicas em funcionamento.

As cerâmicas hoje estariam sendo o único meio de sobrevivência destes que foram “desenraizados” em favor das obras da hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta.

O modo de vida enquanto ribeirinhos

Antes do processo de transição a que foram submetidos a maioria das famílias dessa comunidade viveu quase toda a sua vida às margens do Rio. Ali, muitos se casaram, criaram seus filhos, construíram vínculos sociais, entre laços de amizade, relações econômicas, de trabalho, e entretenimentos culturais.

De maneira voluntária era comum a participação de todos nas organizações de festas religiosas de caráter donativos. Por meio destas festas arrecadavam fundos destinados a obras de caridade. Utilizavam deste meio para obter recursos básicos para ajudar àqueles que mais necessitavam. Um dos princípios que valorizavam em sua cultura seria esse hábito de ajudarem uns aos outros.

Compartilhavam os frutos de suas produções entre amigos e vizinhos, organizavam bailes, tocavam sanfona, também gostavam de frequentar a feira em Panorama, uns para passear, outros, para vender seus produtos.

Muitos compartilhavam as mesmas crenças e tradições, como frequentar os rituais da Igreja Católica e a participação na organização de quermesses e festas

beneficentes. Trocavam prendas, a fim de arrecadar subsídios com fins lucrativos tanto para esses e outros eventos, como para ajudar aos que estivessem passando por algum tipo de necessidade.

Suas práticas culturais se diferenciavam principalmente a partir das funções de subsistência que cada família exercia. As ações de sustento mais comuns seriam para alguns as atividades ceramistas nas olarias, para outros a pesca, o exercício agrícola ou pecuário. Existiam também aqueles que se mantinham do turismo, entre outras tarefas.

As atividades econômicas se davam em torno do Rio, sobretudo para os pescadores e oleiros que dependiam da argila (matéria prima) para fabricação de tijolos nas cerâmicas ou viviam basicamente da venda da pesca de peixes ou de iscas. A dependência do Rio teria sido o fator principal dos conflitos existentes após o “desenraizamento” dessas comunidades ribeirinhas, como podemos observar a seguir a partir da fala dessa moradora: dona Leônia⁵.

(...) morei muito tempo lá... Criei meus meninos tudo lá, (seis filhos, nove netos e um bisneto) muita fartura... Muita fruta criava porco, tudo lá. Também tinha as vacas, tirava leite... Pegava tanto peixe, que até estragava de tanto peixe que tinha lá. Aqui, tudo o que você quer pegar tem que comprar né...⁶.

A vida a partir do Reassentamento

No entanto, pudemos perceber no depoimento da maioria dos entrevistados certa afirmação de que o modo de vida em que viviam antes frente ao Rio seria melhor que o assistido no tempo presente. Embora não tenham negado as dificuldades existentes, enquanto ribeirinhos o rio gratuitamente lhes oferecia alternativas, que seriam como válvula de escape diante dos problemas vivenciados em cada contexto.

Como afirma dona Diva: “(...) lá, não faltava turista...”! O rio simbolizava para esses ribeirinhos, presença constante de sustento, fartura e comunhão; (barro, peixe, culturas e tradições, laços de parentescos, compadrios entre outros). Além, da pesca (em qualquer dia ou hora) e o prazer de “tê-lo” em suas vistas ou em suas “portas”, podendo ainda sentir o “cheiro” de suas águas.

⁵ Ceramista, 64 anos, ex-ribeirinha, moradora no Reassentamento Porto João André.

⁶ Trecho de entrevista colhida em junho de 2013, pelas acadêmicas Adriana Gomes Miranda e Gizele de Lima Alves Leite, para obter informações colaboradoras para sustento deste trabalho.

O Rio concebia, sobretudo, o barro e a argila, para manterem a produção de tijolo e de telhas em suas olarias, como se pode notar na fala desta moradora, dona Maria Prates:⁷

(...) Lá nós tinha o barro, a argila para manter as cerâmicas.. (...) quando começou a enchente, eu falava pra CESP, agora eu vou ter que sair daqui? Eu to tão sossegada aqui e vocês vem me tirar daqui? (...) depois você vê o Rio enchendo, você tem que sair né...

Ao lembrar-se desses momentos dona Maria Prates demonstrou sentimento de tristeza e revolta. Pela dor e saudade por aquilo que se perdeu e ainda pelas dificuldades e sequelas existentes no tempo presente, (falta de barro para as cerâmicas, e problema de saúde, como depressão). É possível entender que estas são algumas das causas dos conflitos com a empresa empreendedora da hidrelétrica, (CESP). *Eu fiquei até doente com depressão vendo tudo sendo derrubado... Minha casa... Minhas árvores, frutas... Tudo, tudo, tudo... (...) Chegamos aqui essa terra vermelha, aqui não tem barro, não tem argila pra gente trabalhar...⁸.*

Ao ser questionada sobre o que mais mudou na vida de sua família, após a transição para o reassentamento, dona Diva⁹ responde:

(...) Mudança? Mudou bastante porque na barranca do Rio, quando a gente morava lá o recurso era mais pouco, porque era mais atrasado antigamente. Mas a gente tinha igual nós mesmo, nós tinha vinte alqueire de barro que era nosso, não era de ninguém e nós tinha o Rio para pescar, quando não fazia tijolinho (no período das cheias), os meninos (seus filhos), pescava... Lá tinha os turistas... (os turistas compravam iscas, peixes, queijo produzidos pelos moradores da barranca, entre outros.)

Como se percebe, no que narram estes ribeirinhos entrevistados, organizados no Reassentamento Porto João André, o distanciamento do Rio teria sido o fator principal das causas dos problemas vividos no cotidiano desta comunidade, desde a chegada ao reassentamento até o presente tempo.

Inquietou-me refletir a respeito destas questões: Será que um lugar não tão distante de outro, provocaria tais mudanças, importunos e dificuldades para essas famílias? Seriam possíveis, em curto espaço de tempo, que isto lhes ocorresse? E ainda,

⁷ Ceramista, 57 anos, ex-ribeirinha moradora no Reassentamento Porto João André.

⁸ Trecho de entrevista cedida em julho de 2013 para as acadêmicas Adriana Gomes Miranda e Gizele de Lima Alves Leite.

⁹ Ceramista, ex-ribeirinha, 67 anos, moradora no Reassentamento Porto João André.

como definir ou caracterizar historicamente, tais dificuldades enfrentadas a partir das transformações na cultura de um “povo” em tão pouco tempo?

Em resposta a essas questões, os relatos de alguns reassentados puderam contribuir para o entendimento questões que outras fontes não possibilitariam para a compreensão do problema desta pesquisa. Pela falta ou quase inexistência de documentos escritos a respeito do cotidiano de antes e a partir do reassentamento, desta comunidade. Os relatos orais de algumas histórias narradas entre estes reassentados são de certa forma, documentos.

No texto em que Vieira, Peixoto e Khoury (2005), discutem sobre A pesquisa em História, essas autoras afirmam que as experiências de vida humana seriam complexas e ao mesmo tempo conflitantes. Revelam essas autoras que o homem é um ser pensante, possui opiniões e precisões próprias, como também almeja, sonha, anseia por coisas, possuem emoções, sentimentos e vontades.

Afirmam ainda que como sujeitos sociais, são capazes de improvisar, forjarem saídas, podendo resistir ou se submeter a algumas condições, sendo essas características que o possibilita viver numa relação contraditória.

Podemos considerar toda essa experiência de complexidade humana, ao mesmo tempo como luta de classes políticas e de interesses e valores intermediando a história dos reassentados do Porto João André. As indagações sobre o que seriam as expectativas de vida destes ribeirinhos e suas culturas seria talvez uma tentativa de buscar uma compreensão de valores despercebidos, como afirmam os autores:

Se a dominação permeia o conjunto da vida social, a resistência está aí igualmente presente, não apenas de forma organizada, mas também sob formas “surdas”, implícitas. (...) O poder de dominação não se localizam apenas no aparelho de Estado ou no nível do econômico, mas todo um processo de disciplinarização necessária da população, que permeia toda a atividade social, desde o trabalho, escola, família, até as formas aparentemente mais ingênuas de lazer. (VIEIRA, PEIXOTO e KHOURY 2005, p 8).

Segue outro trecho do relato da senhora Maria Prates, onde podemos perceber esses fatores:

Lá eu tinha o Rio na minha porta... Ói, eu mi lembro que nós chegou aqui dia vinte e oito de fevereiro de dois mil... Aí eles puseram minha mudança aqui... minha mudancinha... Não cabia nós tudo aqui dentro... Lá cabia... Aí meus filhos num coube nessa casa, eles não ganharam casa aqui...aí eles ficaram lá e todo dia eu ia lá...deixava

minhas coisinhas aqui e ia lá...pedia carona e ia vinte e dois quilômetros... Era época de carnaval e eu ficava preocupada com eles lá.... Até que eles começou a derrubar tudo... Daí você vê o rio enchendo... Aí nós teve que sair né... Aí, meus filhos vieram pra cá também...

. Visto na fala desta moradora, que a presença permanente do Rio, para essas famílias (enquanto ribeirinhos), seria para além da satisfação e encanto que este lhes proporcionava o rio representava, sobretudo, sinônimo de provisão e de sustento em todos os seus períodos. Aos que tocavam cerâmicas, em tempo “normal” retiravam o barro, (argila), assim, mantinham o funcionamento das cerâmicas, e no período das cheias tinham como alternativa a pesca e a retirada de iscas para vender tanto nas feiras como também aos turistas. Como afirma dona Diva: “(...) lá, não faltava turista...”! Assim, pontua Beatriz de Castro:

Amparada nessas condutas e preocupações é que meus questionamentos e preocupações, reflexões e indagações afloram, e é em consequência dessas atitudes que vou obtendo inúmeras respostas impregnadas das relações sociais vividas pelos sujeitos envolvidos em minha pesquisa. Certamente todo risco que corro na apreensão e na interpretação de minhas fontes se torna o alicerce de minha trajetória como pesquisadora do presente numa relação dinâmica com o passado comprometida em produzir histórias. (ARAÚJO 2009, p 109-110)

No entanto, nota-se um conjunto de complexidades existentes no modo de vida destas pessoas. Vemos, em Laraia (2008 p.26) seguido ao que assinala Marvin Harris (1969) que: “Nenhuma ordem social é baseada em verdades inatas, uma mudança no ambiente resulta numa mudança no comportamento”. No entanto, se deve levar em conta que uma comunidade pode ser composta por pessoas comuns, porém, pode ser que estas se diferenciem em alguns traços, ou determinados elementos culturais.

Será que podemos pensar que os abalos sofridos no modo de vida no tempo presente dos ribeirinhos reassentados seria um reflexo dessa ruptura com seu passado? O desenraizamento destas pessoas de suas origens pode nos trazer uma compreensão do tempo presente?

Por outro lado, na discussão da história e memória das famílias ribeirinhas reassentadas no Reassentamento Porto João André no município de Brasilândia/MS, pontua Borges (2006) dois pontos importantes: primeiramente, se faz necessário uma busca de suas histórias para que se compreendam as tentativas de resistência contra o desenraizamento existente em suas memórias. Outra coisa importante seria a reflexão

crítica e consequente inversão da leitura da fonte na história, a partir, exclusivamente do documento oficial, como sustenta a perspectiva positivista.

Assim, ao ter como objeto o trabalho com as fontes orais, visamos a produção de fontes primárias que, contribuindo para a compreensão do objeto específico possibilitem ainda a elaboração de novas pesquisas que possam levar ao desnudamento do complexo de relações sociais que envolvem o fazer-se da história por um outro olhar, o das pessoas comuns. (BORGES, 2006, p 136).

Por meio do ouvir a fala destes personagens da história, que foram nosso elemento de pesquisa é que se pretendeu obter uma apreensão melhor da história de vida das famílias desta comunidade. De outra maneira, como poderíamos afirmar se de fato ocorreu ou ocorrem tais dificuldades, a partir do deslocamento ou “desenraizamento” destes reassentados?

O desenraizamento das 188 famílias atingidas por esta barragem hidrelétrica e reassentadas no Reassentamento Porto João André no município de Brasilândia/MS engloba todo um contexto que envolve tanto os aspectos econômicos, como os abalos de ordem sentimental, social e cultural, tanto no sentido coletivo, como individual. Trata-se de questões de identidades, de trajetória de vida desses ribeirinhos e de suas particularidades. Borges (1997), afirma que:

Dessa forma, trabalhar a identidade seria trabalhar, não só com aquilo que define a identidade humana do trabalhador sem-terra, mas, sobretudo com o elemento da sua própria capacidade de identificar-se como ser capaz de estabelecer relações, colocar nelas a sua subjetividade e, interagindo com outras subjetividades, reagir a, ou reconstruir novas relações objetivas, impostas pela sociedade em que vive. (BORGES, 1997, p 22)

Sabe-se que os ribeirinhos foram retirados e relocados a pouco mais de quarenta quilômetros apenas de onde viviam. A identidade antes destas famílias ribeirinhas se caracterizava, sobretudo, na existência do rio, “em suas voltas”, no que este simbolizava para suas vidas.

Nesse sentido, poderíamos afirmar que a vida para eles, teria sido então, melhor, antes de terem sido excluídos daquelas margens? Como compreender a existência dessas pessoas naquela sociedade, antes pertencentes, em que consistiam suas atividades, como, trabalho e sustento, suas práticas sociais, crenças diversões, entre outros? Ribeirinhos ou reassentados, como chamá-los?

Como relata Baumam (2005), “uma vez tendo sido obrigado a me mudar, expulso de algum lugar (...) não haveria um espaço a quem pudessem considerar-me ajustando (...)”. Em todo e qualquer lugar eu estava, algumas vezes ligeiramente, outro “ostensivamente deslocado” (pg.18,2005).

No que diz respeito à questão da identidade, como no caso aqui apresentado, dos ribeirinhos reassentados do Porto João André, acrescenta Almeida (2006) que essa série de relações ou essa identidade estabelecida nesse processo de deslocamento ou na chegada ao reassentamento não anula as oposições que se contrapõem a essas famílias, e, facilitaria, conforme essa autora cita ao que diz Hall (2001) o deslocamento das diferenças. Como assinala essa autora:

Portanto, é uma identidade tecida na terra que nunca teve, terra perdida e reconquistada. A partir da conjugação dos fatores sociais, culturais, econômicos, políticos erigidos na chegada a terra, no momento de consolidação do sonho da propriedade familiar, e por que não dizer de novas lutas, ou melhor, da luta contra a expropriação que como fantasma permanece nas entranhas do capitalismo, que tem na apropriação da renda do camponês uma de suas molas mestras de sustentação, fantasma que o camponês parece intuir a presença quando chega na terra. (ALMEIDA, 2006, p 178)

Entende-se por meio dessas autoras, Almeida (2006), Borges (1997), Borges (2006), como também Beatriz de Castro (2009), em seu texto “O trabalho com as Fontes e os Desafios da Escrita da História”, que essa questão de desenraizamento ou a transição de cultura, mais precisamente na narrativa da história e memória destes ribeirinhos deve ser compreendida pela utilização de diversas fontes de pesquisa. No entanto, seria por meio de entrevistas que se deve fundamentar a história de luta e resistência destes reassentados.

Ao que consta na dissertação de Souza e Hespanhol (2005), fica claro que as negociações entre as famílias ribeirinhas e a empresa empreendedora (CESP), perduraram por um longo período. As pressões para a retirada dos ribeirinhos das margens do Rio, área que seria alagada pela hidrelétrica, se tornaram mais fortes a partir do ano de 1980.

Em Souza (2005) também encontramos a informação de que durante o que teria sido esse longo período de negociações ocorreram vários embates entre representantes da companhia hidrelétrica (CESP), Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município

envolvido, como também dos ribeirinhos (pouca participação destes últimos, que seriam os principais interessados). Após algumas tentativas de resistência, a rendição dos ribeirinhos veio por fim a longos anos de permanência frente aquele que fora o fator principal de suas “origens”, e que lhes mantinham o sustento.

A partir de então, afastados do rio, a vida costumeira das famílias que viviam aquelas margens, dependentes dele, passou por transformações, sobretudo, na maneira de obtenção de seu trabalho e renda. Ao que se podem perceber, as perdas e danos, ocorridos na vida destes ribeirinhos, provindo deste “desenraizamento”, foram necessários para suprir aos interesses capitalistas de modernização ou globalização, haja vista os interesses das empresas empreendedoras hidrelétricas que visam, sobretudo, seus próprios interesses.

A insatisfação com a empresa empreendedora permeia entre os relatos cedidos pelos que antes foram ribeirinhos, agora reassentados. Seriam múltiplas as causas de suas indignações, para além da falta do barro, *(...) ao planejar a relocação das famílias, não pode se restringir à simples retirada da área requerida e relocação em outras terras. Em termos socioculturais, as perdas das famílias, às vezes são muito mais significativas que a própria terra.* (SOUZA, 2005 p 178).

O descaso por parte das autoridades “responsáveis” se faz notório em muitos sentidos no modo de vida do novo lugar em que foram realocados. Alguns prédios públicos como a creche, (Centro Educacional Infantil), posto de saúde, posto policial, centro comunitário, entre outros, estão praticamente abandonados, em desuso. *(...) Aqui nunca teve ambulância, a CESP falou que ia dar essa assistência pra nós, mas aqui, nunca chegou ambulância pra nós...*

A soma de tudo isso estaria refletindo na história de vida desses moradores, os impossibilitando de exercerem alguns dos seus direitos básicos de cidadãos como no caso, o acesso à saúde e a segurança.

Dona Maria Prates relata com pesar a perda de seu neto, devido às dificuldades emergentes, no momento em que sua nora “passou mal” para dar à luz ao seu primeiro filho. A combe que a CESP colocou ao dispor da comunidade no reassentamento, para o uso em caso de emergência, não foi liberada por falta de requerimento. Como se pode observar, destacam-se a indignação e revolta na fala desta ex-ribeirinha reassentada no Reassentamento Porto João André:

(...) aí eu peguei e corri lá na creche e falei com os guardas – Se tem a pirua para dar assistência, pegue aí pra dar assistência para minha nora. Então meu filho que estava sem pneu (stepe) para seu carro, emprestou um pneu e foi acompanhando a pirua que ia levando minha nora. Como meu menino foi acompanhando esse carro (com o pneu emprestado), a confusão foi por causa disso aqui, porque já que ele estava acompanhado o carro, (que levava sua nora para o hospital), não precisava então ter usado a pirua. Isso tudo teve uma complicação, queriam mandar a dona Manuelina, que autorizou a pirua (sem requerimento), embora. Isso que estou falando foi o que aconteceu com nós, e os outros por aí, tem muitos mais casos...

O bebê que nasceu neto de dona Maria Prates, faleceu dentro de poucas horas de vida. Não foi confirmado (neste caso) se o óbito teria ocorrido pelo fato da demora em torno de sua nora receber atendimento ou assistência médica.

Foi na cidade mais próxima (Brasilândia) que desde a chegada ao reassentamento, essas famílias tiveram suas expectativas centradas, buscando ali apoio tanto na saúde como na educação, e outras áreas afins. Segue mais um trecho do depoimento da senhora Maria Prates:

(...) As crianças teve que ir estudar tudo em Brasilândia... Aqui tem uma creche, mas não funciona... Tem bebezinho que vai pra creche de Brasilândia... O posto de saúde também não funciona, serve para fazer velório...

Nas considerações de Bauman (2005) pode-se observar a importância em colher todo o sentimento e comportamento coletivo, pois a modernidade líquida que está em constante mudança exige dos ribeirinhos uma mudança de identidade ou uma adaptação constante a sociedade em desenvolvimento socioeconômico.

(...) lá, nós era feliz e não sabia... Tinha o Rio na porta... tinha todo tipo de barro... pescava... Lá o comércio que nós frequentava era em Panorama e ainda é porque Brasilândia não têm assistência pra nós não, se quebrar uma peça das máquinas... Lá nois fazia festas com a Igreja católica... Se tinha alguém precisando de ajuda nós se reunia fazia gincana levava prenda pra ajudar... meu marido tocava sanfona...fazia bailinho...ele morreu fazia pouco tempo que nós tinha mudado pra cá...

Conforme Bauman (2005), a liquidez, portanto não permite a preservação da cultura ribeirinha, no entanto, por outro lado, sem essa liquidez moderna como poderia ser possível esse processo de transformação das culturas? Até que ponto essas transformações culturais foram necessárias à população ribeirinha?

(...) Quando eu mudei pra cá ainda ficou gente pra trás. A mudança foi aos poucos, os da Pedra bonita, quando nós mudamos pra cá, já tinha um ano que eles tinham mudado. E muita gente que tem aqui hoje, nem todos vieram da barranca, muitos venderam aqui pra outras pessoas de fora morar... E vai indo assim, cê entendeu né? Tem gente que vem de Panorama trabaiaá aqui... 40 quilômetros de distancia... Depois que nós estamos aqui mudou muito. Lá, quando nós queria nós pegava o peixe e comia na hora... Não dava vinte metros à beira do Rio da minha porta...

Nesse sentido, pode-se pensar que todos os “resquícios” de um passado coletivo, ou individual, preservados nas memórias destes, que foram “desenraizados” de suas “origens”, seriam trazidos para esse novo contexto. Sendo assim, a tradição ribeirinha estaria fundamentando, no Reassentamento Porto João André, essas possíveis transições de culturas, crenças e tradições. Observa-se ainda nesta entrevista:

(...) lá, quando acabava a água, agente punhava um motor com uma mangueira, i jogava água lá em casa... Tinha água abundante pra nós lá né... Lá, todo domingo nós ia na feira... a feira já era um passeio..Aqui, cê pensa, num tem lugar pra nós ir, se você quiser ir num balneário tem que ir em Panorama, lá tem o balneário...o Rio que tem aqui, se você põe o pé aqui você já cai no barro porque ele não é extenso igual o Paraná. Mudou muito depois que agente mudou...

Esta justaposição seria traços marcantes desta liquidez moderna, pontuada ainda por Bauman (2005), que estaria influenciando toda essa transição cultural na trajetória de vida desses ribeirinhos. Trata-se de questões de identidades, de particularidades e especificidades. Percebe-se que, no sentido de adaptação ou adequação ao “novo” lugar, o distanciamento do Rio ou a falta de barro, ou argila, para as cerâmicas, seriam as questões mais relevantes entre as pessoas entrevistadas.

Algumas Considerações

Finalmente, pode-se pensar que essas transformações impostas, talvez de maneira injusta a esta comunidade e todos os conflitos vivenciados nesse processo de adaptação ou readaptação, possivelmente perdurará. Os problemas pertinentes como à falta de barro para as cerâmicas, os processos com a hidrelétrica causadora destes danos,

entre outros, na vida destas famílias reassentadas seriam ações repercutidas no modo de vida e trabalho de seus filhos.

Considera-se que os sentimentos contidos na fala dos entrevistados desta comunidade seriam reflexos daquilo que se perdeu, ou das perdas e danos, das dificuldades pertinentes no cotidiano desse “novo lugar”, da tradição que ficou para “trás”, ou nas palavras de Baumam, o passado que foi mudado pela “política de identidade, portanto, fala a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização” (2005, p.13).

No entanto, poderia se dizer que este processo de desenraizamento e transição cultural entre adequações e adaptação pode ser percebido no modo de vida no tempo presente destas famílias, como algo que permanece inacabado.

Assim, por meio do encontro dessas memórias nesse novo lugar, é que se discutem o modo de trabalho e vida social em comparação ao que se era e com o que se têm experimentado. Por meio dos relatos se pôde notar certa legitimação de suas Identidades ribeirinhas. Pode ser que essa afirmação estaria entrelaçada nos resquícios de lembranças e sentimentos guardados daquilo que ficou para trás.

Essa afirmação ou reconhecimento pode estar fundamentada até mesmo pelo desejo de voltar para perto do Rio. Todas essas complexidades os fazem reconhecer que realmente são “ribeirinhos”.

Finaliza-se então este trabalho com a fala destas “ex-ribeirinhas” pertencentes a esta comunidade, quanto ao que se perdeu e qual o “novo” que se fez:

“(...) Era uma beleza morar na beira do Rio... Tinha gente lá que tinha casa melhor que a minha e tinha gente lá que tinha casa pior que a minha... Alguns achavam que ia ser melhor aqui porque a CESP ia da à cerâmica, casa boa, assistência para nós, não sei o que... eles achava que ia ser melhor... mais não é fácil não toca cerâmica aqui não... depois eles foram cai na realidade.” Maria Prates (junho de 2013)”;

“(...) O que mais mudou foi a falta do barro, da argila para as cerâmicas, lá nós tinha mais alqueire de terra e no tempo das cheias, meus filhos vendiam peixe e iscas para os turistas... Aqui nós não tem outro jeito... A CESP não cumpriu com o que tinha prometido pra nós... Dona Diva (junho de 2013)”;

“(...) Para nós, a falta do rio... Do barro... Do peixe... Dos turistas... Aqui tudo o que se quer, tem que comprar... Dona Leônia (junho de 2013)...”.

Referências Bibliográficas:

- ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: Textos em História Oral*. Editora FGV- 2004.
- ALMEIDA, Rosemeire Aparecida... In:
- BAUMAM, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro, Zahar-2005.
- BORGES, M. C. & OLIVEIRA, V.W.N. (Orgs) *Cultura, trabalho e memória: faces da pesquisa em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande UFMS, 2006 p. 155-188.
- _____. *(Re) criação do campesinato, identidade e distinção- a luta pela terra e o hábitos de classe*, São Paulo. Editora UNESP, 2006.
- BORGES, M. C. e KUDLAVICZ, M. *História e vida da CPT em Mato Grosso do Sul: contribuição na luta pela terra e para nela permanecer*. In: A questão agrária em Mato Grosso do Sul: uma visão multidisciplinar. ALMEIDA, R. A. (Org.). Campo Grande: Editora da UFMS, 2008.
- BORGES, Maria Celma. *História e Memória dos ribeirinhos de Ilha Cumprida: a luta contra o desenraizamento*. In BORGES, M.C & OLIVEIRA, V.W.N. (Orgs) *Faces da pesquisa em Mato Grosso do Sul. Coletânea: Cultura, Trabalho e memória*. Campo Grande UFMS, 2006.
- BORGES, Maria Stela Lemos. *Terra: Ponto de Partida, Ponto de Chegada*. São Paulo: Editora Anita, 1997.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia d Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (capítulo 2: etnicidade e culturas indígenas).
- KUDLAVICZ, Mieczslau. *USINAS HIDRELÉTRICAS: IMPACTO SÓCIO-AMBIENTAL E DESAGREGAÇÃO DE COMUNIDADES - III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005*.
- LARAIA, Roque de Barros. *A antropologia cultural: (2008)*.
- LAPLANTINE, François. *Marcos para uma História do Pensamento Antropológico: Filme: Hans Staden. (2009)*.
- LEVIS-STRAUSS, Claude. *O Estruturalismo: As estruturas elementares do Parentesco*.
- LINHARES, Maria Yedda & SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Terra prometida: Uma Questão Agrária no Brasil*, Editora Afiliada. Rio de Janeiro: Campus 1999.
- LOPES, Raquel dos Santos. *Os Ribeirinhos de Ilha Comprida: a luta pela conquista da terra. O Trabalho com as Fontes no Ensino e na Pesquisa em História/ organizadores Aricelle Silva Borges...[ET AL.] - Campo Grande- MS: Editora UFMS, 2009*.
- MAB (Movimento de Atingidos por Barragens). Disponível em: www.mabnacional.org.br.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom: *(Re) introduzindo História Oral No Brasil*. I Encontro De História Oral / Sudeste – Sul. São Paulo- 1995. USP. São Paulo – 1996.
- MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. *A Prática Energética do Estado Brasileiro. Caderno de Estudo nº. 02. Mobilização Nacional dos Trabalhadores Rurais*, Jul.2000.
- RIOS VIVOS, Disponível em www.riosvivos.org.br/canais.php?canal_id=6.
- SCHWARCZ, Lilia K. Moritz & GOMES, Nilma Lino (orgs.) - *História e Antropologia: embates em região de fronteira*. Belo Horizonte: Autêntica: 2000. (introdução).
- SILVA, Aranha Edima & LEAL, Loiola Aranha Fernanda Valéria. *Caracterização do Núcleo Habitacional Reassentamento “Porto João André” Em Brasilândia-MS- Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos- Sessão Três Lagoas-MS, 2006*.
- SOUZA, Edevaldo Aparecido. *Reordenamento sócio-econômico e cultural das famílias atingidas pela UHE Engº Sergio Motta: Reassentamentos Pedra Bonita e Santa Emilia/Santana BRASILÂNDIA-MS. UNESP, Presidente Prudente-SP 2005*.

VIEIRA, Maria do Pilar; PEIXOTO, M. do R. C.; KHOURY, Yara M. *A pesquisa em História*. 4ª edição São Paulo: ABDR, 2005.

Sites:

<http://docs.fct.unesp.br/nera/publicacoes/singa2005/Trabalhos/Artigos/Ma%EDra%20Bueno%20Pinheiro.pdf>

[http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-](http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0,5&q=antropologia+dos+ribeirinhos+assentados)

[BR&lr=lang_pt&as_sdt=0,5&q=antropologia+dos+ribeirinhos+assentados](http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0,5&q=antropologia+dos+ribeirinhos+assentados)

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012005000200004&script=sci_arttext&lng=en

<http://biblioteca.rosana.unesp.br/upload/VictorCallil.pdf>

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2275/1762>

<http://www2.fct.unesp.br/grupos/nera/publicacoes/singa2005/Trabalhos/Artigos/Miecleslau%20Kudlavicz.pdf>